

22 DEZ 1988 A esperança de Mailson para o Ano Novo: US\$ 3 bilhões. P 11

JORNAL DA TARDE

O governo espera receber US\$ 3 bilhões de recursos novos em 1989, do Banco Mundial e do governo japonês, segundo anunciou ontem em Brasília o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, antes da última reunião anual do Conselho Monetário Nacional (CMN), em que fez um balanço positivo de 1988 e classificou 89 de "ano decisivo". Mas ele admitiu que o grau de indexação da economia impede um combate eficaz à inflação, reafirmou que o governo tencionava esquecer a inflação passada e adotar como referência a futura, além de garantir que as próximas medidas de ajuste serão discutidas dentro do pacto social, dia 11.

Na avaliação feita no início da reunião, Mailson lembrou que as perspectivas do começo do ano previam recessão profunda em maio ou junho, problemas na negociação da dívida externa e estagnação econômica. "Nada disso



Mailson: 1989 será um ano decisivo.

se confirmou", exclamou ele, aliviado. Acrescentou ainda que nunca o País teve uma taxa tão baixa de desemprego, uma safra agrícola tão grande e um superávit comercial de mais de US\$ 19 bilhões. "O País saiu do primitivismo para um sistema moderno de organização das finanças públicas", assegurou ele.

A desindexação é agora o último passo para a economia fi-

car em ordem, na opinião do ministro. Ele também espera uma posição mais flexível dos credores externos, referindo-se às declarações nesse sentido feitas pelo presidente eleito dos EUA, George Bush. A proposta do líder petista Luís Inácio da Silva, de se suspender o pagamento dos juros, foi qualificada de "uma aventura" por Mailson. "Os trabalhadores seriam os primeiros

prejudicados com uma medida dessas."

Ao sair da reunião, o líder do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, afirmou que nenhum pacto social substitui o governo. "O governo é que precisa conter seus gastos", advertiu ele. Se o governo adotar o ajuste que vem anunciando, Diniz crê que o pacto possa dar resultados satisfatórios. "Caso contrário, a inflação alta pode dar ao País um presidente populista."

O presidente da Confederação Nacional das Entidades Financeiras, Roberto Konder Bornhausen, diz que o setor já está dando sua cota de sacrifícios, e não crê que os financiamentos possam ser alongados com a consequente queda das taxas de juros. "Os bancos são meros intermediários, e ninguém quer se arriscar no longo prazo. Todos querem rentabilidade e liquidez para mudar de posição diante de um novo fato econômico."